



Editorial

Neste número da *Sociedade e Cultura*, apresentamos o dossiê “Trabalho, diferenças e desigualdades”, que coloca em questão a multiplicidade de relações de poder que tecem o campo do trabalho com o enfoque para as relações de gênero e raça, entre outros marcadores sociais da diferença. Com abordagens e metodologias diversas, os artigos articulam a discussão sobre o trabalho a partir de diferentes categorias de análise, destacando as desigualdades que percorrem desde ocupações feminizadas, ligadas ao cuidado, até as posições de quadros superiores e dirigentes, indicando a persistência das estruturas hierárquicas nas trajetórias e vivências no trabalho.

Além do dossiê, o número traz sete artigos livres, produzidos por pesquisadores/as de diversas regiões e instituições do país, que revisitam temáticas clássicas das ciências sociais a partir de olhares contemporâneos, apontando para a riqueza e pluralidade atual da área. Desse modo, esta edição traz contribuições embasadas em densos trabalhos de campo e afinados diálogos teóricos para temas como saúde, política, xamanismo, memória, morte, consumo e esporte.

O primeiro trabalho, intitulado “Antropologia da política e ‘cultura de auditoria’: etnografia da política de financiamento em saúde mental”, de Lecy Sartori, apresenta material etnográfico sobre financiamento em saúde mental e revisão bibliográfica acerca do modo de produção da política e da cultura de auditoria. A autora discute alguns aspectos relacionados ao que denomina como fabricação da política de financiamento na área de saúde mental. Além disso, com base em trabalhos de Marilyn Strathern e Cris Shore, traz uma discussão que aponta para a compreensão da chamada cultura de auditoria.

No artigo “Do resgate de almas à execução do feiticeiro: notas sobre o xamanismo Ticuna”, Edson Tosta Matarezio Filho reflete sobre uma temática clássica da Etnologia, ao abordar etnograficamente alguns aspectos do sistema xamânico Ticuna, a partir de pesquisa de campo realizada em uma comunidade do igarapé Camatiã,

São Paulo de Olivença, no Amazonas. O autor traz contribuições importantes para o entendimento das relações entre xamanismo, conhecimento e relações entre humanos e outros seres.

Em “Rituais de memória e temporalidade num Dia de Finados”, Marina Ramos Neves de Castro e Fábio Fonseca de Castro apresentam resultados de uma pesquisa realizada em um cemitério de Belém, no Pará. O artigo traz uma discussão importante sobre os rituais contemporâneos de memória e morte, a partir de uma reflexão em torno de aspectos relacionados a performances e temporalidades.

No trabalho “A dimensão simbólica do consumo e o mercado como construção social: um estudo sobre a compra da casa e de produtos de moda”, de Gabriela Lanza Porcionato, Beatriz Sumaya Malavasi Haddad, Ana Lúcia Castro e Maria Chaves Jardim, as autoras colocam em diálogo duas pesquisas que abordam a dimensão simbólica do consumo e o conceito de mercado como construção social. Uma das pesquisas tem como foco a compra da casa própria a partir do programa Minha Casa Minha Vida; a outra volta-se para a análise socioantropológica do consumo de marcas de moda globais em comunidades de baixa renda. Tal diálogo, embasado teórica e empiricamente, permite às autoras discutir dimensões simbólicas e relações produzidas em torno da compra de bens, temas bastante relevantes e atuais no campo da sociologia e da antropologia do consumo.

Na mesma linha, o artigo “Feira Agroecológica enquanto Comunidade de Prática: redes de sociabilidade, consumo e resistência”, de Maria Rita Macedo Cuervo, Cristiano Hamann e Adolfo Pizzinato, apresenta resultados de um estudo acerca do funcionamento de uma feira agroecológica na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, com base na noção de comunidades de prática. O trabalho, fruto de quatro anos de pesquisa de campo e entrevistas realizadas junto a produtores/as e consumidores/as, dialoga com o campo da sociologia do consumo, trazendo contribuições para as reflexões atuais nesta área.

Daniel Granada, no trabalho “Práticas em movimento: a pesquisa de campo no caso da capoeira fora do Brasil”, apresenta resultados de uma tese de doutorado que implicou em uma etnografia multissituada sobre a capoeira na França e no Reino Unido, a fim de problematizar alguns aspectos relacionados ao processo de transnacionalização da prática.

Por fim, em “Reflexão sobre as torcidas organizadas no samba e a espetacularização do carnaval carioca”, Carlos Alberto Máximo Pimenta e Geraldo Camilo da Silva produzem uma reflexão sobre o que nomeiam como processo de espetacularização do carnaval no Rio de Janeiro, a partir de uma discussão em torno das torcidas organizadas das escolas de samba. Os autores buscam mostrar como tais torcidas desenvolvem certas estratégias de ocupação dos espaços que compõem o universo das escolas, formando um campo de possibilidades de multiplicação simbólica de pertencimento, reconhecimento e legitimidade.

Além destes artigos, o número traz ainda duas resenhas. A primeira, produzida por Marcus Cardoso e Carolina Barreto Lemos, versa sobre a obra “Cidadãos em toda parte ou cidadãos à parte? Demandas por direitos e reconhecimento no Brasil e na França”, de Fábio Mota. A segunda, escrita por Cleiton Vieira, discute o livro “Entre interiores e

capitais: antropologia, formação e pesquisa no Rio Grande do Norte”, organizado por Elisete Schwade e Edmundo Pereira.

Desejamos a todos/as uma ótima leitura!

Tania Ludmila Dias Tosta
Camilo Braz
João Carlos Amoroso Botelho